

# História de um pequeno grande sucesso educativo

Susana Diego

*Na Lista de Schindler é mencionado o provérbio judeu — “Quem salva um homem, salva a humanidade”. Transportando a ideia para o contexto educativo, julgo que “Quem conquista um aluno, ganha o ano lectivo”.*

Há alguns anos que tenho optado por leccionar o 2º ciclo do ensino recorrente nocturno, depois de bastantes de experiência lectiva e uns anos de destacamento no Projecto Minerva (esta falta de precisão é intencional, para que não se ponham a fazer contas à minha idade).

Em Barcelos, o maior concelho do país em número de freguesias, estes cursos têm vindo a cobrir muitas de entre as oitenta a nove que o constituem.

No passado ano lectivo fui parar a cascos de rolha, à fronteira com o concelho de Viana do Castelo. Para além de ser longe, pois ida e volta perfaziam cerca de quarenta e cinco quilómetros, também era mau caminho. Não pelo piso ou traçado da estrada. A razão é que de dia, apesar de lindíssima, com uma zona de vários quilómetros em que enormes plátanos formam um túnel verde translúcido atravessando grandes bouças isoladas, é famosa pelo triste cenário da prostituição; e de noite tem muito pouco movimento e é negra como breu! Tenho-me treinado a convencer-me de que não tenho medo e de que o meu Fiat Uno que já está em idade escolar, não me irá deixar ficar mal. Mas a verdade é que este ano apreciei ainda mais as noites de luar, pois no resto dos dias evitava olhar pelo retrovisor, que parecia ter sido pintado de preto. Um espesso nevoeiro era frequente, para pôr ainda mais à prova a minha resistência. E como se não chegasse, um outro professor do recorrente, poucos anos atrás, foi nesse percurso abalroado em plena noite... por um javali!!! Um javali a sério, não era dos do Astérix! E sabem que mais? Ninguém parou para o socorrer, por que naquela

estrada de noite não se pára!

Ou seja, ir e voltar da escola era uma aventura radical, sem eu ter que pagar nada!

Começámos o ano lectivo na escola primária, uma daquelas bem bonitas antigas, estado novo (nada de tirar ilações, mas eram realmente bem desenhadas e construídas com bons materiais). Lanterna em punho, necessária para chegar à sala com os dentes todos, após atravessar o pátio escuro em terra, buracos e pedras.

Na sala, dos quinze alunos necessários para criar o curso e após as convulsões habituais de curiosos que vêm só às primeiras aulas e de outros que vão desistindo até ao final do 1º período pelos mais diversos motivos, meia dúzia de resistentes chegou ao fim do ano. É à volta de um deles, o João, que esta história se centra.

Nem veio para frequentar o curso. De início, muito calado, ficava no fundo da sala. Vinha só para conduzir, trazendo a mulher, a Clara, visto que moravam a alguns quilómetros numa freguesia vizinha.

Tanto eu como as outras duas professoras que constituíam a equipa pedagógica, começámos por nos meter um bocado com ele, insistindo para que se inscrevesse: “Então vai ficar aí sem fazer nada, todos os dias das oito até depois das onze?! Vá lá, preencha lá isto, se faz favor”.

Nada...

Que não, que não se importava, que esperava, tudo isto com poucas palavras, mas muita determinação.

Pronto, pensámos nós, lá vai a Clara também! Mas era pena, pois foi fácil ver que ambos eram inteligentes,

responsáveis e tinham sentido de humor.

Percebemos também que o João tinha um pequeno problema motor e receámos que não fosse capaz de escrever, apesar de conduzir o automóvel. Soubemos mais tarde que tinha um irmão com uma deficiência congénita, acamado há bastantes anos, que veio a falecer este ano. Não apurámos se o João, rondando os trinta anos, também seria portador de alguma ligeira deficiência de nascença ou se teria tido qualquer acidente ou doença.

Após a nossa primeira investida sem sucesso, tacitamente acordámos então numa estratégia concertada que consistia em discretamente o ir envolvendo nas discussões, provocando sorratamente a sua participação oral, e encorajando e valorizando abertamente a sua contribuição. O resto dos alunos, incluindo a Clara, foi perfeitamente conivente com o plano sem ser preciso qualquer preleção especial.

Distraidamente, fomos deixando cair na mesa dele as fichas e material que dávamos aos outros. Fomos espreitando e verificámos que as lia. Quanto à matemática, notei-o sensível a pequenos desafios. E fomos esticando e provocando, até que ele começou a pegar na caneta!

Mas nada de inscrições!!

Ok, ok. Também não era preciso. Já estava integrado, já fazia parte do grupo. E assim, lentamente, dando-lhe por vezes mais tempo do que necessitavam os outros para que pudesse realizar as tarefas ao seu ritmo, ele foi evoluindo e ganhando confiança para participar espontaneamente. E

preencheu a malfadada ficha de inscrição e tudo! Lembro-me, por exemplo, de ele me pedir que o ensinasse a calcular a capacidade do tanque de casa dele e de, após certa admiração, compreender que pelo simples facto de a secção não ser exactamente rectangular, o tanque levava menos meia pipa de água. Recordo ainda a facilidade com que calculava mentalmente algumas percentagens, por estar habituado ao IVA que pagava quando comprava a fruta que vendia ao domicílio, pela aldcia, na carrinha.

É evidente que, face a uma avaliação normativa, se calhar o João não atingiria o nível médio, ou pelo menos, não a todas as disciplinas. Ou seja,

não se tratou de um milagrão-pedagógico-didáctico. Tratou-se sim, de um tenaz esforço de adaptação, de uma enorme evolução, de uma evidente mudança de atitudes.

Apesar de facilitarmos bastante em relação às presenças neste tipo de formação, julgo que o João faltou a pouquíssimas aulas, praticamente só no dia do funeral do irmão. E pouco depois de terminar o curso, foi pai de uma segunda menina, timidamente escondida pela Clara, durante grande parte da gravidez.

Este pequeno episódio é de certeza semelhante a tantos outros que tantos professores já viveram. Se o descrevo aqui é para manifestar a convicção que tenho de que só

sobrevivemos na nossa profissão porque pequenas vitórias como esta nos sustentam. Pequenos grandes sucessos assentes em esforço conjunto, em amizade e espírito de equipa.

Na *Lista de Schindler* é mencionado o provérbio judeu — “Quem salva um homem, salva a humanidade”. Transportando a ideia para o contexto educativo, julgo que “Quem conquista um aluno, ganha o ano lectivo”.

Ganhámos, Ana e Teresa, ganhámos!!!

Parabéns, João!

Susana Diego  
Esc. EB 2+3 Gonçalves Nunes  
(Barcelos)



#### Pontos de vista, reacções e ideias...

(continuação da pág. 10)

Matemática que, logicamente, se reflectirão nas outras aprendizagens (p. 27);

- Os alunos manifestam mais dificuldades nas disciplinas básicas: português e matemática (p. 27).

É de referir que não existe mais nenhuma disciplina a “merecer”, felizmente, destaque neste ponto do P.E.E.

Esta situação preocupa-me, pois foi apresentada uma proposta que tanto prejudicaria os alunos. E, mais do que isso, estando a Matemática envolvida, os professores dessa disciplina não foram previamente consultados, nem foram tidas em conta, posteriormente, as razões que apresentavam, na contestação de tais propostas.

Penso que, na Matemática, é impensável separar conteúdos e competências. O encadeamento quase constante nas matérias e a interdependência entre os ciclos também condiciona a margem de manobra. Reduzir a carga horária com os currículos actuais do 3º ciclo, do Ensino Secundário e pensando até no Ensino Superior, representaria a confirmação de uma “morte anunciada” para a Matemática.

Considero que num modelo de gestão flexível se devem privilegiar a Matemática e o Português, mantendo a sua carga horária de 4 horas. No entanto, reconheço que é necessária e urgente uma nova/melhor gestão do currículo com uma valorização acrescida destas duas áreas, tanto no “Estudo Acompanhado” (com a garantia que seria apoiado por um professor de Português e outro de ciências exactas, ver D.O. do DEB), como na “Área de Projecto”.

Com este artigo, pretendia apenas alertar todos os intervenientes na comunidade educativa que a “Autonomia” já chegou, e permite que se decida (levianamente/conscientemente) nem sempre em consonância com os interesses dos alunos.

Com um passo adiante na autonomia das escolas, é “urgente” parar para reflectir e tomar consciência da dimensão de tal responsabilidade, principalmente do que isso pode significar na realidade das escolas e para os alunos.

Mas, caro leitor, a história não termina assim. Surgiu uma nova proposta de reestruturação das horas mantendo as quatro horas para Matemática mas não para Português. No entanto, tal

reestruturação não agradou à maioria dos professores. Foi, então, novamente “mexida” a carga horária proposta e a Matemática perdeu assim uma hora no 8º ano. O que aconteceu para a Matemática, desta vez, foi mau mas podia ter sido bem pior...

Sinto uma obrigação moral de reforçar um alerta destinado aos professores e aos encarregados de educação, pois alguns “projectos” de gestão flexível do currículo “inovadores”, podem perigar a formação geral dos estudantes em áreas fundamentais como Matemática e Português. Em outras escolas também já estão previstas reduções na carga horária semanal dessas disciplinas. Portanto, todo o cuidado é pouco, é necessário que se esteja atento ao que se permite agora para se poder evitar “surpresas” desagradáveis no futuro...

Rute Marina das Neves Viegas Vaz  
Escola Secundária de Sampaio  
(Sesimbra)

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar comportável a inclusão das contribuições no espaço disponível na revista.